This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
C180
C67pa

B 858,219

PANEGYRICO

DE

LUIZ DE CAMÕES

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES

A. de AGUIAR

PANEGYRICO

DE

LUIZ DE CAMÕES

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Em 9 de junho de 1880

PELO

SECRETARIO GERAL

J. M. LATINO COELHO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA
1880

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.034.701-68

Com estimo

30

85:00

PANEGYRICO

DE

LUIZ DE CAMÕES

PANEGYRICO

DE

LUIZ DE CAMÕES

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Em 9 de junho de 1880

PELO

SECRETARIO GERAL

J. M. LATINO COELHO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1880

868.
C180
C67

171847-140

Senhores.—Quando o viajante, ao curſar as ermas e dilatadas planicies, onde entre o Eufrates e o Tigre, em ſeculos remotos floreceram as grandes e conquiſtadoras monarchias aſiaticas, colloſſos na amplitude e no poder, revoca á mente ſciſmadora as magnificas memorias d'aquelles ſoberbiſſimos imperios, encontra em redor de ſi a aridez e a ſolidão. Mas as ruinas monumentaes dos antigos e majeſtoſos edificios nos logares hoje deſertos, onde outr'ora pompearam as cidades babylonias e aſſyrias, lhe eſtão ainda enſinando com a mudez eloquente das ruinas venerandas, a imagem da grandeza que paſſou.

Tudo é pequeno e tranſitorio n'este mundo, excepto a humanidade, a cadêa ininterrupta, por onde as ſucceſſivas gerações umas ás outras vão tranſmittindo, accreſcentado, o theſouro da commum civiliſação.

Naſcem, creſcem, avigoram-ſe, florecem, decaem, e ſepultam-ſe para ſempre no tumulo da hiſtoria as nações e os heroes, por mais procéras e giganteas, que o deſtino lhes talhaſſe a eſtatura e as proporções.

Quando, após os eſplendidos triumphos,—que em ſua

comparação, bem poderam envergonhar de pequenas e obſcuras as celebradas conquiſtas e expedições dos povos dominadores na antiguidade,—volvemos os olhos para o que fomos, e caimos na contemplação do que de tanto poderio hoje nos reſta, o eſpirito laſtimado pela ingrata confrontação ſe entriſtece e ſe lamenta, de que paſſaſſe tão veloz a edade heroica de Portugal. Como ao viandante ſolitario nos plainos da Meſopotamia, parece-nos que ſómente em volta ſe nos deparam ſaudoſas e melancolicas as memorias do glorioſo imperio portuguez.

Onde eſtá Ceuta, em cujas muralhas o rei cavalleiroſo e os ſeus eſforçados paladinos, renovando com melhor fortuna e diſcrição o antigo duello entre a chriſtandade e o iſlamiſmo, haſtearam ſeguramente o eſtandarte portuguez? Onde eſtá Arzilla, e Tanger, e Azamor, e Mazagão? Dentro d'aquelles muros, cujas pedras ſão ainda hoje inſignes teſtemunhos do heroico valor de Portugal, reſôa apenas o ſeu nome, envolto na penumbra da gloria e do terror. Onde eſtá Malaca, em cujos padrões ainda vivem as façanhas de Affonſo de Albuquerque? Onde Cochim, onde Meliapor, onde Bombaim? Onde eſte vaſto littoral, em cujas abras e enſeadas as naus e os galeões de Portugal, ao ſom das horriſonas bombardas dictavam a lei ás temeroſas gentilidades? Onde eſtá a India, que Portugal, a cuſto de façanhas inauditas, navaes e bellicoſas, abriu ao tracto e ao commercio das nações occidentaes? Onde eſtá a India? Oh! não repitamos a laſtimoſa interrogação, que nos pode ouvir, animada por um momento de redivivo e heroico patriotiſmo, aquella oſſada glorioſa do immortal navegador, que hontem fomos depoſitar no grandioſo monumento, conſagrado aos noſſos deſcobrimentos pelo rei emprehendedor. Onde eſtão os archipelagos, a que nós demos nome e ſenhorio? Onde eſtão eſſes mares procelloſos e afaſtados, onde as quinas paſſeavam triumphantes, fa-

zendo do Oriente mais remoto o feudo de Portugal? Aonde? aonde? Piſam extranhos mais felizes, não mais bravos, as terras que para a Europa ſoubemos conquiſtar. De todo o immenſo imperio portuguez já não ha a circundar-nos mais do que melancolicas ruinas. Mas n'eſta ſolidão ainda ha para confortar-nos e engrandecer-nos uma voz eloquentiſſima, que reſume nos ſeus magicos accentos a altivez e a gloria de Portugal.

Já não tendes, portuguezes, a India, nem Ormuz, nem Malaca, nem Ceylão. Nem ao menos vos deixaram como padrão aquelle cabo Tormentorio, cujas borraſcas temeroſas vos não entibiaram, que não foſſeis adiante enſinar á indolente chriſtandade os caminhos tenebroſos do Oceano. Não ſão voſſos os dominios materiaes. Embora. N'aquelles meſmos territorios, onde agora florecem e dominam extrangeiros moradores, lá eſtá ſempre o voſſo nome. É d'elles o que é da terra, mas é voſſo unicamente o que ſe não pode aniquilar, porque é incorporeo e immortal. É d'elles a riqueza, o poder, o ſenhorio. Mas ſerá ſempre voſſa a gloria. Partindo aventuroſos e reſolutos deſde os ultimos confins da Europa occidental, curſaſtes os oceanos ainda virginaes, onde tomaſtes o ronco eſtridor das tempeſtades pelo hymno triumphal das eſplendidas victorias. Abriſtes as portas do Oceano, e diſſeſtes ás demais nações da Europa: «Deſpertae da ſomnolencia medieva, e entrae após os meus navegadores.» A velha chriſtandade phantaſiava o mundo nos fabulados portulanos. E vós, eſtendendo aos voſſos pés a terra inteira, como ſe fôra ainda pequeno mappa, eſtudaſtes a geographia, ſulcando as linhas nas aguas com as voſſas quilhas venturoſas, entalhando-as na terra com o ferro vencedor.

Iſto diz, mas em carmes inſpirados e em divinas modulações, o immortal cantor dos feitos patrios. É a voz da gloria, que reſôa perpetuamente, vibrada pela tuba

do maximo poeta e do mais ardente e devotado portuguez. São os *Luſiadas*. É o Camões.

Quando pronuncía um portuguez o nome do Camões, a admiração e o orgulho de contar como ſeu natural o grande epico, é o maximo elogio. E n'eſta occaſião, em que feſtivamente celebra Portugal ao ſeu poeta, quando o povo, eſtreitando os vinculos da patria em volta do ſeu mais illuſtre e benemerito cantor, eſtá pagando em publica e ſolemne apotheoſe, a homenagem do ſeu culto ao altiſſimo engenho portuguez, parecera temeridade, quaſi diriamos ſacrilegio, o buſcar encarecer a gloria do Camões. Seria como accender pallidas lucernas para que appareça fulgindo mais eſplendido o ſol meridiano. E, ſenhores, ſe levanto n'eſte momento a minha voz, perdida e abafada no côro uniſono das acclamações univerſaes, é porque aſſim o ordenou a Academia, mais zeloſa na veneração ao épico immortal do que feliz na eleição do orador.

Não eſpereis da minha voz um panegyrico, porque ſó farei em breves termos a commemoração de um grande nome. No meio do fervoroſo enthuſiaſmo, com que a cidade de Liſboa, e as demais povoações de Portugal, ſolvem após tres ſeculos na eſcaſſa e tardia moeda que lhe é dado diſpender, o preço das altiloquas eſtrophes, quando os arcos triumphaes, os preſtitos ſolemnes, os hymnos melodioſos, os bellicos tropheos, as bandeiras multicores, as deſlumbrantes illuminações annunciam publicamente que revive, como o ſymbolo da patria, o nome do ſeu cantor, a nação, como que expiando nobremente a culpoſa indifferença das paſſadas gerações, entalha n'eſtes honroſos monumentos o nome de quem teceu de luz a heroica narração dos feitos patrios. A Academia, aſſociando-ſe a eſta liturgia nacional em honra do poeta, poz-me na mão o cinzel, e preſcreveu-me que n'um recanto d'eſte marmore, onde Portugal inſculpe

agora a ſua e a gloria do cantor, eu deixe tambem gravado o nome do Camões.

Fazer o elogio do Camões é tecer o panegyrico da patria. E é ſempre grato a um portuguez o encomiar a Portugal.

Nós temos, os portuguezes, um ſingular e raro privilegio. Somos nós entre os modernos povos europeus o que tem um poema verdadeiramente nacional, um poema, cujos cantos ſão as façanhas da nação enaltecidas pela mais florida e opulenta phantaſia, modeladas nas fórmas da epopéa. Celebram outras gentes a fecundos e altiſſimos engenhos, cujos reflexos luminoſos, tranſcendendo os ambitos da patria, eſtão doirando e ennobrecendo a litteratura univerſal. Mas nenhum povo tem como o portuguez um d'eſtes feliciſſimos eſpiritos, que ſão ao meſmo paſſo o genio da nação, e o genio da poeſia, e em cujas obras reſpire ao meſmo tempo a patria e a humanidade, a gloria privativa de um ſó povo, e o deſtino commum de uma inteira civiliſação. O Dante é immortal, mas o ſeu poema é inſpirado pelo myſticiſmo e a vingança. Immortal é o Taſſo, mas a ſua epopéa é a novella cavalleiroſa, que ſe enreda e deſenlaça em redor dos ſacros muros da triſte Jeruſalem. Immortal é Shakeſpeare, mas a ſua muſa, que penetra e deſcobre as mais occultas fibras do humano coração, é mais coſmopolita do que fadada a conglobar a gloria dos bretões. Immortal é Cervantes, mas a figura entre ſublime e comica do ſeu heroe, é mais do que o ſymbolo da Heſpanha, é a perſonificação da humanidade, como abſtruſa e paradoxal compoſição de loucura e heroicidade. Immortal é o Camões, mas é immortal para os ſeus, immortal para os extranhos. Para os ſeus, porque em verſos admiraveis divulgou as empreſas, em que foram protagoniſtas. Immortal para os extranhos, porque os feitos, que reconta, ſão o berço onde incubou fecunda a noviſſima civiliſação.

Manda a Europa, ainda então adormecida para as longas e trabalhoſas expedições, manda a Portugal que marche na vanguarda. Eram tenebroſos, impervios, procelloſos os mares, onde nenhum baixel ſe tinha aventurado. Entrevia-ſe o Oriente como a quaſi fabuloſa região, d'onde vinham magnificadas pela creadora phantaſia os encantos e as maravilhas. Era a terra das ardentes eſpeciarias e das drogas perfumadas, a fecunda matriz dos diamantes e das perolas. Os ſeus theſouros aguçavam o deſejo ás gentes occidentaes. Era como o paraiſo da cubiça para eſta velha Europa, já canſada da ſua gleba mais eſteril que os ridentes vergeis orientaes. Todos anhelavam porque ſe deſcobriſſem faceis os caminhos, para que a todos foſſe commoda a peregrinação dos tractos lucrativos e das fructuoſas mercancias. Pois vá adiante Portugal e explore as ſendas indomeſticas d'aquella terra de profana promiſſão. Vá adiante circumnavegando brioſa e perſeverante as inhoſpitas margens africanas. Engolfe-ſe nos mares tempeſtuoſos e deſcubra as ilhas viridentes, onde as arvores por centenares de ſeculos, na perpetua ſolidão das ſuas floreſtas, haviam ramalhado ſem temer a hacha aſſoladora do colono, onde os paſſarinhos, dominando ſem rival, cantavam indolentes os amores, pendurando nas vergonteas os ſeus ninhos, ſem recear que a mão do homem as vieſſe deſcobrir e profanar. Entrem os portuguezes, eſta guarda avançada, eſtes heroicos batedores da nova civiliſação, entrem na ſombria, ignota e eſpeſſa eſcuridão das terras e das coſtas africanas, entrem reſolutos com as ſuas proas mal ſeguras nas bahias, nas abras, nas aguadas. Vão nas ſuas aventuroſas ſingraduras adminiſtrando pelo nome portuguez o baptiſmo da civiliſação ás ſelvaticas paragens, que deſcobrem, e aſſignalando com padrões a poſſeſſão e o dominio. Pairem com os primeiros e mais felizes navegadores nas aguas

revoltoſas do cabo Tormentorio, onde a Africa, ſemelhante ao ferro agudo e penetrante de uma azagaia immenſa, eſtá ferindo inexoravel o coração do Oceano. Sejam inſatigaveis na aventura, intrepidos no perigo, inabalaveis na ouſadia, heroicos nas provações, indomitos nos contraſtes da fortuna. Avancem de cada vez mais um eſtadio na róta, que traçaram. Abram nos mares deſconhecidos a propria eſtrada, que vão deſcortinando e percorrendo. Operem maravilhas de ſciencia coſmographica e prodigios de eſtoica paciencia e milagres de valor e galhardia. Deixem atraz o cabo temeroſo e em fragillimos baixeis vão ſingrando aventureiros o Oceano Indico. Aportem finalmente á celebrada terra oriental, e a principio hoſpedes e foraſteiros, venham a ſer em breve termo os altivos dominadores d'aquelles florentiſſimos imperios, agora avaſſallados e ſujeitos ao jugo portuguez. D'ali bracejem as extenſas vergonteas do deſcobrimento e da conquiſta até ás mais apartadas e myſterioſas regiões. Entre a Europa eſcudada com o nome de Portugal na China e no Japão. Vá luſtrando nos portuguezes galeões os mais remotos archipelagos. Deixe memorada na gloria dos ſeus feitos e nos nomes portuguezes dos logares a paſſagem triumphal d'eſte povo pequeno na extenſão, gigante nos ſeus brios. Partindo do ultimo Occidente, de exiguo e infantil feito gigante, confranja nos ſeus braços de ferro o globo inteiro. Diſſipe com o ſeu arrojo incontraſtavel as neblinas, que eſcondiam o Oceano, e rompa animoſo e irreſiſtivel o veo myſterioſo, que encobria a face da terra. Aponte ali aos que na ſua aſſombroſa variedade a deſconheciam, as diviſões e as fronteiras das terras e das aguas, como um amoravel preceptor, arrancando o envoltorio, que tinha recatado um globo geographico, enſina ao alumno pueril e curioſo, as linhas que delimitam os continentes e os mares. Diga finalmente á Europa entre aſſombrada e invejoſa: «A

terra, que tu ſonhaſte, era a terra fabuloſa, a terra debuxada nas deſcripções phantaſioſas dos antigos e nos mappas mentiroſos da edade média. A terra, que eu te dou, é a terra qual outr'ora ſaíu das mãos da natureza para o homem primitivo, qual ſae agora das minhas mãos para o homem civiliſado. É a terra, de que os antigos apenas conheceram uma neſga, de que Alexandre, nas ſuas tão famigeradas expedições, ſoube apenas tanto como a mais tarda e preguiçoſa das minhas galés, talvez menos que o mais frouxo dos meus aventureiros. A terra, que vós conheceis, é a terra de Ptolomeu e de Strabão, a terra dos que não a viram, mas ſonharam. Eſta, que vos dou, é a terra de Vaſco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de Fernão de Magalhães, de João da Nova, a terra, de que para vós tomamos poſſe, como os primeiros que em todas as direcções a ſoubemos percorrer e navegar.»

A Europa, ouviu, eſtremeceu, levantou-ſe e invejou. As páreas copioſas dos noſſos deſcobrimentos, os deſpojos opimos das noſſas expedições, os fructos ſaſonados das noſſas conquiſtas, tudo lhe deitámos generoſos no regaço. Para nós guardámos o que ſe não pode alienar: as glorias e os laureis. Démoſ-lhe tudo o que havia de terrenal e de mundano. Recatámos como theſouro ineſtimavel o que as noſſas empreſas memoraveis tiveram de eſpiritual, quaſi divino. Á ſemelhança do honrado e brioſo cavalleiro, que, com mais cicatrizes que veneras, no outono da ſua exiſtencia glorioſa, pendurando na panoplia a eſpada reluzente e o murrião abolado nas requeſtas ſanguinoſas, deixa que tudo lhe arrebate a má fortuna, mas não cede ou vende a extranhos as inſignias memoraveis, eſculpidas como brazão e ſtemma gentilicio na face do ſeu broquel.

Quando as glorias portuguezas ſão chegadas á brilhante culminação, quando principia a reſfriar o ardor

primevo das empreſas memoraveis, quando é neceſſario colher na phaſe momentanea do ſeu maximo eſplendor a heroicidade portugueza, e como que photographal-a, ainda viva, recente, luminoſa, apparece o Camões na terra de Portugal.

O Camões é ao meſmo tempo a eloquente voz da poſteridade, e a grandioſa reſurreição dos tempos heroicos de Portugal. A ſua penetrante viſão intellectual deſcobre com a perfeição dos ſeus contornos immortaes as figuras, ſobre que ſe concentra mais viva e mais brilhante a puriſſima luz da vida nacional. A ſua previdencia admiravel adivinha que veem perto os tempos calamitoſos, em que a patria para morrer como Ceſar com a grave e ſevera alteza dos heroes, preciſará de cingir-ſe na purpura da ſua antiga majeſtade, e compor-ſe e adereçar-ſe nas ſoberanas veſtiduras da ſua gloria. Virão épocas eſcaſſas, em que extranhos arrogantes hão de buſcar deſcingir-lhe o gladio refulgente, deſveſtir-lhe a loriga impenetravel, e murchar-lhe na fronte os loiros immortaes. Tudo poderão emprehender. Mas o Camões, o ſoldado brioſo das guerras africanas e indiaticas, o portuguez, que amou a patria acima da mulher, e a mulher acima da fortuna, o poeta que emulou nos antigos a belleza e a correcção, aos modernos ſuperou no ſentimento, ali eſtá colligindo e ordenando nos verſos varonis de uma epopéa nacional, as memorias da terra em que naſceu.

Será na carta da Aſia a India portugueza um ponto apenas, mas um ponto como eſtes que, em noites de ſerena atmoſphera e de melancolica e tepida eſcuridade, eſtão brilhantemente ſcintillando, e eſculpindo no ceo a diſtancias infinitas o ſeu vivo e eterno reſplendor.

Perdemos em grande parte a dominação e o imperio n'aquelles immenſos territorios, onde outr'ora fluctuara, ſymbolo de empreſas temerarias e feliciſſimas victo-

rias, a bandeira de Portugal. Mas ninguem nos pôde nunca pleitear a gloria de as ter primeiro deſcoberto e avaſſallado. Que importa ao nome portuguez, que d'eſſe vaſto e opulento ſenhorio não reſtem quaſi já ſenão memorias?

Cada povo tem na ſequencia hiſtorica a ſua funcção, no grande e vario drama da civiliſação o ſeu papel. Uns em cada momento na evolução da humanidade ſão protagoniſtas e heroes, a outros cabem no complemento e execução da obra commum, officios mais modeſtos, mas não menos neceſſarias attribuições. É o principio harmonico e fecundo da diviſão do trabalho applicado á cooperação mutua das nações, no empenho de fundir e aperfeiçoar a civiliſação no decurſo das edades. E d'eſte modo a noção da patria individual ſe eſconde na penumbra da humanidade.

A noſſa miſſão não era a de grangear para nós o mundo, mas ſim de o ſujeitar e deſcobrir. Fomos com a eſpada os miſſionarios da velha Europa, enviados a correr os primeiros lances, e affrontar os perigos, a que ninguem ouſara então metter o peito reſoluto. A gloria de deſcobrir é maior e mais duravel que a de fruir e dominar. A grandeza épica dos noſſos feitos immortaes, mais ſe aprimora e abrilhanta n'eſta abnegação e deſapego, com que dos fructos das empreſas ſobrehumanas deixámos aos extranhos o proveito, para nós tomámos a gloria por ſalario. Dos grandes e magnificos deſcobrimentos, com que ſe accreſcenta e ſe melhora a civiliſação intellectual e a humana condição, não ficou enfeudada a propriedade excluſiva na geração e na familia dos glorioſos inventores. Kepler interrogando os ceos e os planetas, rebeldes e indomaveis até ali, clauſurando-os no encerro perpetuo das ſuas orbitas ellipticas, vinculou o ſeu formoſo deſcobrimento no morgado commum da humanidade. Os ſegredos, que o eſpirito de Newton ſoube

roubar á myſterioſa natureza, doou-os generoſo á ſciencia coſmopolita e á civiliſação univerſal. O telegrapho electrico tranſmitte o penſamento, ſem que eſteja agora recatado como cioſo monopolio na familia ou na raça dos ſeus engenhoſos deſcobridores. A locomotiva paſſeia ſibilando pelo mundo, ſem que antes do ſeu curſo impetuoſo eſteja eſperando a venia e o ſignal de quem primeiro a ideou e conſtruiu. Aſſim tambem da terra que luſtrámos nas ſuas mais aſaſtadas e eſcondidas regiões. A gloria de a revelar á Europa cubiçoſa, vale mais que a vaidoſa ſatiſfação de chamar noſſo o que primeiro que ninguem ſoubemos procurar e deſcobrir.

Das noſſas aventuroſas navegações e das noſſas empreſas bellicoſas naſceu em grande parte o movimento operado na Europa deſde o ſeculo XV. Tornámos poſſivel a ſciencia moderna, que era truncada e imperfeita antes que enſinaſſemos as gentes européas a interrogar a natureza, e a deſcortinar as maravilhas e os ſegredos de inhoſpitas paragens, de mares deſconhecidos, de um firmamento novo, onde brilham, eſcondidas aos antigos, novas e extranhas conſtellações. Revelámos a fórma do noſſo globo, a configuração dos continentes, a contínua ſucceſſão do Oceano, a mudança e a condição dos varios climas. Patenteámos as riquezas innumeraveis da natureza organica, nos ſeus typos diſſeminados pela immenſa vaſtidão das terras e dos mares. Atámos novamente os vinculos já rotos e perdidos entre a noſſa civiliſação e a noſſa hiſtoria, e a hiſtoria e as civiliſações dos povos orientaes. Com as noſſas maravilhoſas aventuras fizemos uma patria glorioſa e impozemol-a á admiração de todo o mundo, mas acabámos empreſa ainda maior, porque fizemos tambem a nova humanidade, congraçando e tornando umas das outras conhecidas as raças e as familias, que viviam pelos ambitos da terra ſem liame e ſem commercio fraternal.

D'eſta prodigioſa Renaſcença, em que a moderna chriſtandade tornou a viver no eſpirito e no genio da antiguidade, fomos nós os mais activos e fecundos cooperadores. A outros coube a gloria de comprehender primeiro e divulgar as formoſas manifeſtações da intelligencia e da imaginação entre os antigos; de recompor as eſtatuas, onde o ideal quaſi ſe confundia com o divino, de reconſtruir os ſumptuoſos monumentos, de evocar das ruinas o mundo claſſico, e ao bafejo da paciente erudição fazel-o reſurgir na apparencia da ſua eterna belleza e perfeição. Mas em quanto os outros recompunham a antiguidade, nós mais audazes e felizes do que elles, alcançavamos completal-a e corrigil-a, penetrar onde ella não chegou, e tornar mil vezes mais intenſa a ſua luz, enfeixando com ella a que em remotas e ſobrehumanas excurſões ſe reflectiu na lamina das eſpadas glorioſas, e nas colubrinas e bombardas dos noſſos galeões.

Fizeram elles o renaſcimento do paſſado, diſpertando-o do ſeu tumulo. Nós fomos acordar o futuro das nações no berço onde naſce a aurora. Fizeram elles reſurgir as tradições da Grecia e Roma. Nós fizemos naſcer e avigorar-ſe o eſpirito da humanidade.

Os outros fizeram a ſciencia da antiguidade, acurvados nos pulverulentos manuſcriptos e nas reliquias já truncadas da arte, da ſciencia e da poeſia. Nós fizemos a doutrina, que ſe accumula navegando e combatendo, a perigoſa erudição, que ſe compra com ſangue derramado, e enlaçámos aos loiros da ſciencia as palmas triumphaes.

Para entalhar no bronze da epopéa os feitos que reſumem a vida nacional, naſceu Camões.

Quem era? D'onde veiu? Onde naſceu? Onde paſſou a puericia? Onde aprendeu na adoleſcencia os dois amores, que lhe exalçaram o eſpirito, cravando-lhe de eſpi-

nhos o coração,—o amor da patria, que elle idolatrou mais que ninguem,—o amor da mulher, que mais do que nenhum poeta lyrico elle ſoube diviniſar?

A vida do Camões é em quaſi todos os ſeus ſucceſſos uma lenda, ou um myſterio. Do poeta conhecemos perfeitamente o aſpecto, em que ſe volta para nós e para a patria. Ignoramos quaſi inteiramente o que ſe occulta nas eſcuras profundezas do coração e da exiſtencia individual. É como eſtes reſplendentes corpos celeſtes, de quem apenas raſtreamos a luz e o eſplendor, ſem ao certo comprehender o que eſtá por baixo da luminoſa ſuperficie. Contemplamos no Camões reflectida com toda a ſua clara intenſidade a vida nacional. Acoſtumámo-nos a vêr e admirar no ſeu eſpirito a imagem heroica do povo portuguez. Os loiros, que lhe exornam a fronte, ſão tambem os laureis que enramaram em ſeus triumphos a patria, quando era glorioſa e invejada. A ſua alma é a alma da nação. No ſeu poema não reſpira apenas o eſtro de um cantor, palpita o coração de Portugal. É preciſo que haja o que quer que ſeja de vago, impeſſoal e indeciſo n'eſta figura grandioſa, que tem á cinta o proprio gladio da nação, e deſſere no ſeu plectro, não os ſons da ſua propria inſpiração, mas os hymnos collectivos entoados por todo um povo á ſua grandeza e á ſua gloria. O Camões não é apenas um poeta, é um côro triumphal, em que as vozes de muitas gerações, na propria ſaudação dos ſeus heroicos feitos, ſe conglobam nos accentos de uma voz predeſtinada.

São mal delineados, nebuloſos, os contornos biographicos do Camões. Não ſe ſabe ao certo quando naſceu, porque n'eſtas imagens e perſonificações da vida nacional, é bem que nos poſſamos illudir, ſuppondo que andaram largos tempos voejando antes que começaſſem a luzir. Ignora-ſe a terra em que naſceu. Em Liſboa? Em Coimbra? Em Santarem? Ninguem o pode á juſta diſcrimi-

nar. E é bem que aſſim aconteceſſe, para que nenhuma povoação ſe poſſa gloriar, de que o poeta lhe pertence a melhor titulo do que a toda a patria, que illuſtrou. Perguntam-nos onde o Camões viu a primeira luz? Reſpondemos e baſta: Em Portugal. Que nos importa diſcernir ſe era vulgar ou generoſo o ſangue do poeta? Os monarchas da intelligencia não carecem de tronco e dynaſtia. Não tem pelo eſpirito nem anteceſſores nem deſcendentes. Não releva o inquirirmos d'onde veem, já que ſabemos aonde vão. Naſcem da humanidade e vão para a gloria. Naſcem do pó terreno e mundanal e caminham luminoſos á divina immortalidade. Sabemos do Camões que foi ſoldado valentiſſimo entre os mais eſforçados e brioſos; ſabemos que foi a mais ſubida intelligencia em noſſa terra, o primeiro épico moderno. Sabemos que alcançou conciliar em harmonica união as graças e formoſuras da mais ſolta e inventiva imaginação, com as doutrinas mais ſeveras da ſciencia no ſeu tempo. Sabemos que em Africa militou, para que ſeguiſſe em tudo as meſmas ſendas, por onde a gloria portugueza tranſitara. Sabemos que invejas, e malquerenças, e damnadas tenções, como elle diz, lhe meſclaram na vida aos jubilos e aos extaſis da nativa inſpiração, as triſtezas e os opprobrios da exiſtencia amargurada. Sabemos que amou extremoſamente. E como poderia eſta alma de eleição clauſurar-ſe na ſolidão do ſentimento, ſem repartir o eſtro e a paixão entre a patria e a mulher? Sabemos que padeceu aſperos deſterros e carceres de affronta e provação. E como poderia eſta luz intenſiſſima do engenho ferir, ſem os offender e offuſcar, os olhos dos ſeus ingratos contemporaneos, que não buſcaſſem afrouxal-a e deſluzil-a, já que não a podiam apagar? Sabemos que na India provou a forte eſpada nos recontros e a eſtoica impavidez nos lances das armadas e nos perigos das tormentas. Sabemos que a pobreſa foi a ſocia inſeparavel do ſeu viver aventureiro.

E que genio já houve em Portugal antigamente, que não tiveſſe a penuria por contrapeſo aos theſouros immortaes da ſua gloria? Sabemos que na China exerceu modeſto officio, e que a fortuna ao Camões lhe deſtinou que para não perecer á fome, rebaixaſſe o divino talento de poeta ao proſaico e rude officio de exactor. Sabemos que a patria o deſamparou nos annos derradeiros, atirando-lhe á mão, quaſi eſtendida á caridade, a eſmola do poder. Sabemos que morreu, quando a patria deſcaía no ſepulchro, porque elle era a voz da patria, o ultimo ſuſpiro da nação agoniſante, e era bem que ſe extinguiſſe, quando Portugal jazia amortalhado no manto de cavalleiro, tendo em redor do ſeu eſquife as figuras ſiniſtras e ironicas dos ſeus deſapiedados conquiſtadores. Sabemos que os ſeus oſſos jazeram até hontem eſquecidos n'um deſvão do convento de Sant'Anna, até hontem, em que por nobre e patriotica impulſão da noſſa Academia, lhe pagámos — inanimado — na ſolemne apotheoſe, o que —vivo—os ſeus contemporaneos lhe negaram em pão e em conforto. Sabemos que deixou o ſeu nome intimamente vinculado ao nome e á propria exiſtencia da nação. Sabemos que os *Luſiadas* os entalhou o brio portuguez com a eſpada nas mais diſtantes e ingratas regiões, e os imprimiu com o raſto das ſuas quilhas temerarias na face do Oceano e no dorſo das tempeſtades, e o Camões os traſladou a verſos immortaes, diffundindo no mundo pelo genio o que Portugal já tinha divulgado pelo immenſo pregão do ſeu valor.

O Camões é a patria coroada de poeticos laureis. Os *Luſiadas* ſão a eſtatua da nação, cinzelada pelo eſcopro do maior engenho portuguez. Glorifiquemos, pois, cada vez mais a epopéa e o cantor. Veneremos com elle o noſſo paſſado glorioſo. Mas como eſtes deſtemidos argonautas, que elle celebrou, os quaes ſe não ficavam inertes e parados após as mais felizes ſingraduras, nem cifra-